

Realeza Universal de Cristo

1. Há 25 anos que a imagem de Cristo-Rei abre os braços sobre Lisboa e sobre Portugal, num gesto que tanto pode significar a solicitude do Bom Pastor que envolve, num gesto de amor, aqueles que redimiu e reconhecem n'Ele o seu Senhor e Rei, como o anúncio do Profeta que proclama à cidade que o Reino de Deus está já no meio dela, como a atitude oferente do Sumo sacerdote que apresenta a Deus seu Pai essas hóstias silenciosas e ocultas, tantas vezes profanas, de todos os justos que lutam por uma cidade mais digna do homem. Ao erigi-la, que pretendeu afirmar o Episcopado Português de então? Que Portugal cristão é já, de certo modo, esse Reino de Deus presente agora, que presta vassalagem ao seu Rei, cuja realeza aceita e proclama? Sim, porque não há realeza sem reinado, nem reinado sem Reino. Ou terá sido, talvez, a apresentação ousada a uma sociedade que se secularizava, da realeza de Cristo como único caminho de verdade e de salvação, qual «Ecce homo», gritado sobre uma multidão cada vez mais indiferente?

Quer o seu gesto signifique proposta ou denúncia, sacrifício de expiação oferecido a Deus ou sinal congregador dos homens redimidos, que representou esta imagem para a cidade? Ter-se-á alguma vez estabelecido diálogo entre essa cidade, que tão grandes transformações sofreu nestes 25 anos e esses braços estendidos do outro lado do rio?

Nestes 25 anos muita coisa aconteceu na cidade. O monumento a Cristo Rei, até como forma física de a Igreja se afirmar e tornar presente no mundo, está na encruzilhada de uma grande viragem histórica. Poderíamos mesmo dizer que ele é um marco que divide um tempo de outro tempo, de uma e outra forma de se ser Igreja e de a Igreja estar no mundo, de conceber, anunciar e tornar presente no mundo o Reino de Deus e a realeza de Cristo.

No dia 25 de Janeiro desse ano de 1959 tinha sido anunciado ao mundo, por João XXIII, ele próprio charneira viva de duas épocas da história, o Concílio Vaticano II que se transformou no acontecimento cultural e espiritual mais significativo do nosso século. Provocados pelo Concílio, a propósito dele ou ao mesmo tempo que ele, grandes mudanças se verificaram na Igreja e no mundo. Recordemos algumas: a secularização progressiva da sociedade, que leva a uma maneira nova de conceber a presença e missão da Igreja no mundo; as transformações internas na própria Igreja, que vão desde a renovada visão teológica da Igreja Povo de Deus e experiência comunitária da salvação, até às crises sofridas: crise de valores e alterações nos critérios morais, crise de estruturas e de sentido, relativização das suas mais brilhantes formas de ser e de estar no mundo. Nada na Igreja ficou na mesma, ela é hoje diferente num mundo completamente alterado.

E eis a pergunta pastoral à qual pretendo responder teologicamente: que significa para esta Igreja e para este mundo a proclamação, por parte da Igreja, da realeza universal de Cristo? Neste mundo secularizado quais são as características e as fronteiras do seu Reino? Como proclamar hoje a fé da Igreja nesse carácter definitivo de Jesus Cristo, cabeça da Igreja e pedra angular de uma humanidade nova, princípio da unidade radical de toda a criação? Que relação há entre a Igreja, inauguração do Reino de Deus na história, parcela visível do reinado de Cristo, e as sementes desse mesmo Reino presentes e a germinar na restante sociedade, para a qual também Cristo é salvador e Senhor? Que sinais nos são oferecidos para sabermos que Cristo é, realmente, Senhor deste mundo e desta história?

2. Ao tentar elaborar uma resposta teológica para estas interrogações pastorais, procurei inspiração em duas declarações, tão claras, tão solenes, do mais alto Magistério da Igreja: a encíclica «Redemptor Hominis» e a «Gaudium et Spes». Nessa encíclica, João Paulo II define uma orientação pastoral da Igreja para o nosso tempo: «A única orientação do espírito, a única direcção da inteligência, da vontade e do coração para nós é esta: na direcção de Cristo, Redentor do homem; na direcção de Cristo, Redentor do mundo. Para Ele queremos olhar, porque só n'Ele, Filho de Deus, está a salvação, renovando a afirmação de Pedro: «Para quem iremos nós Senhor? Tu tens as palavras de vida eterna».

Através da consciência da Igreja, tão desenvolvida pelo Concílio, através de todos os graus desta consciência, através de todos os campos de actividade onde a Igreja se afirma presente, se encontra e se consolida, devemos tender constantemente para Aquele «que é a Cabeça», para «Aquele de Quem tudo provém e nós somos criados para Ele», para Aquele que é, ao mesmo tempo, «o caminho e a verdade» e «a ressurreição e a vida», para Aquele ao ver o Qual vemos o Pai, para Aquele, enfim, que devia ir, deixando-nos (...) para que o consolador viesse a nós e continue a vir constantemente como o Espírito de verdade»¹.

Cristo é, assim, o caminho do homem e da Igreja pois que, como afirmou a *Gaudium et Spes*, Ele «o Verbo de Deus, por Quem todas as coisas foram feitas, encarnou para que, Homem perfeito salve todos os homens e recapitule, em Si, todas as coisas. O Senhor é o termo da história humana, o ponto para o qual convergem os desejos da história e da civilização, o centro do género humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações»².

Nestes dois textos está como que concentrada a consciência da Igreja àcerca da primazia absoluta de Jesus Cristo Salvador, como Senhor da Igreja e centro da história. A Igreja nunca mais encontrará a verdade profunda do seu ser e da sua missão, se não reconhecer esta Senhoria de Jesus Cristo e o mundo tem n'Ele, ainda que não saiba, o sentido último da sua história.

Identificar o Reino de Deus em Jesus Cristo

3. Dissemos atrás que não há realeza sem reinado, nem reinado sem Reino. A realeza e a Senhoria de Jesus Cristo compreendem-se melhor à luz da realidade do Reino de Deus, embora seja igualmente verdade que do mistério da Sua realeza brota a realidade mesma do Reino. No nosso tempo, num contexto de secularização, marcado por uma distinção clara entre o sagrado e o profano, entre a Igreja e o mundo, é pastoralmente importante identificar e definir com clareza a realidade do Reino de Deus.

Antes de tentar identificar o Reino de Deus com qualquer realidade da nossa história de homens, temos de o reconhecer na

¹ *Redemptor Hominis*, n. 7.

² *Gaudium et Spes*, n. 45.

própria pessoa de Jesus Cristo; Ele é o Reino personificado³. Como diz o Concílio Vaticano II, «o Senhor Jesus deu origem à sua Igreja, pregando a boa nova, a vinda do Reino de Deus, prometido pelas Escrituras desde há séculos: «os tempos atingiram o seu termo e o Reino de Deus começou» (Mc 1, 15; Mt 4, 17). Este Reino brilha aos olhos dos homens na Palavra, nas obras e na presença de Cristo. A Palavra de Deus é, com efeito, comparada a uma semente que se semeia num campo (Mc 4, 14): aqueles que o escutam com fé e se agregam ao pequeno rebanho de Cristo (Lc 12, 32), acolheram o seu próprio Reino; pois, pela sua força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da colheita (Mc 4, 26-29). Os milagres de Jesus provam, igualmente, que o Reino já veio à terra: «Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demónios, é porque o Reino de Deus já chegou ao meio de vós (Lc 11, 20). No entanto, o Reino manifesta-se, antes de mais, na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, «vindo para servir, e dar a sua vida em resgate de uma multidão» (Mc 10, 45)⁴.

É, pois, penetrando no mistério de Cristo que se compreende a natureza do Reino de Deus. Na missão histórica de Jesus, revelação do seu mistério e inauguração do Reino de Deus coincidiram no tempo. «O Filho veio, enviado pelo Pai, que nos tinha escolhido n'Ele, antes da criação do mundo e predestinado à adopção filial, segundo o seu livre desígnio de reunir todas as coisas n'Ele (Efe. 1, 4-5, 10). É por isso que Cristo, para realizar a vontade do Pai, inaugurou o Reino dos Céus na terra, ao mesmo tempo que nos revelava o seu mistério e, pela sua obediência, realizava a redenção»⁵.

A realidade do Reino de Deus é o termo da criação, é aquele rosto definitivo da humanidade que só estará plenamente realizado no fim dos tempos. Dessa realidade última, obra ainda a realizar por Deus, através do Espírito, Cristo é a única experiência histórica e é-o porque, pela sua ressurreição, Ele atingiu esse tempo definitivo. E é por isso que só em Cristo ressuscitado nós podemos identificar a natureza do Reino de Deus. Mesmo a Igreja não se identifica, ainda, totalmente, com o Reino: ela é a porta do Reino⁶.

Mas a realidade do Reino de Deus não é apenas uma promessa futura: ele começou, foi inaugurado, aconteceu na história dos

³ X. LÉON-DUFOUR, *Les évangiles et l'histoire de Jésus*, Paris (1963), p. 379.

⁴ *Lumen Gentium*, n. 5.

⁵ *Ibidem*, n. 3.

⁶ X. LÉON-DUFOUR, *op. cit.*, p. 379.

homens, na pessoa de Jesus Cristo, nas suas palavras e acções. Reino espiritual, que não se confunde com as realidades presentes da história e universal, porque não se reduz ao Povo de Israel, é, na pregação de Jesus, realidade presente e futura. Parece clara, na pregação de Jesus, a convicção de que o Reino de Deus está já em acção, à vista dos seus contemporâneos, na sua palavra e obras. «Ide, contai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem e os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados» (Mt 11, 4-5). As obras e a pregação de Jesus significam que os tempos messiânicos começaram, com Jesus uma etapa nova da história da salvação foi inaugurada. O próprio João Baptista ficou no limiar do Reino de Deus. «Até João, a Lei e os Profetas; a partir de então, o Reino de Deus é evangelizado e todos se esforçam por entrar nele por violência» (Lc 16, 16).

Realidade presente em Jesus Cristo, é inevitavelmente futuro, pois a sua manifestação definitiva está ligada à plena manifestação do mistério do próprio Cristo: morte, ressurreição, última vinda. É porque Cristo é presente e futuro, que o Reino de Deus está já em acção no meio de nós e é ao mesmo tempo promessa, objecto da nossa esperança. Ele é suficientemente presente para que possamos encontrar agora sinais da sua manifestação futura. O Reino de Deus não é realidade que se analise sociologicamente. A sua presença no mundo capta-se por sinais, que podem ser sinais históricos, mas a sua significação só nos é desvendada pela fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. O próprio Senhor avisou os seus contemporâneos e disse: «O Reino de Deus não vem como um objecto de observação; não se poderá dizer: está aqui ou está acolá; é que o Reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17, 20-21). Mais uma vez a pessoa de Jesus Cristo é o único ponto de referência seguro da presença do Reino de Deus⁷. Aos escribas e fariseus que pedem sinais, Jesus não dará outro sinal do Reino de Deus, a não ser o sinal da sua morte e ressurreição, significadas no sinal de Jonas (Mt 12, 38 s.).

Também para Jesus havia um futuro no Reino de Deus. A sua inauguração e crescimento não anulam a sua consumação futura. Quando ensina os discípulos a rezar, leva-os a pedirem a Deus a manifestação definitiva do Reino: «Que o vosso Reino venha» (Mt 6, 10). Em muitas outras passagens Jesus refere-se à plenitude escatológica do Reino, que consistirá na plena manifestação da sua

⁷ *Ibidem*, pp. 380-382.

glória divina e o triunfo completo da sua obra salvadora. Esse horizonte escatológico da parusia e da consumação do Reino, é-nos apresentado através da figura enigmática do Filho do homem, designação apocalíptica da vitória definitiva de Cristo na Sua glorificação junto do Pai e na sua última vinda, como supremo juiz. «Vós vereis o Filho do Homem sentar-se à direita da Potência e vir sobre as nuvens do céu» (Mc 14, 62).

Isto quer dizer que um dia virá em que o Reino de Deus atingirá a sua plenitude e que isso acontecerá quando a glória de Cristo ressuscitado se manifestar completamente em poder pessoal e em eficácia salvífica ⁸.

A proclamação e o crescimento do Reino de Deus no mundo de hoje estão ligados à manifestação progressiva da Glória do Ressuscitado e da eficácia salvífica da Páscoa, através da acção do Espírito Santo. Só no mistério de Cristo identificamos plenamente a realidade do Reino; a Igreja, porta do Reino, é aquele espaço histórico onde esta eficácia progressiva da Páscoa vai acontecendo no mundo; porque há entre ela e Cristo uma unidade profunda, a Igreja é, no meio do mundo, o grande sinal do Reino. Nela, através da santidade dos seus membros e progressiva identificação com Cristo, Deus oferece aos homens autênticos sinais do Reino. «Na vida dos nossos companheiros de humanidade mais perfeitamente transformados à imagem de Cristo, Deus manifesta aos homens, numa viva luz, a sua presença e o seu rosto. Neles, o próprio Deus nos fala e nos dá um sinal do seu Reino e nos atrai para ele poderosamente, de tal maneira é grande a nuvem de testemunhas que nos envolve e a verdade do Evangelho é manifestada» ⁹.

Mas sinais do Reino de Deus podemos encontrá-los no mundo, na cidade dos homens, pois Cristo ressuscitado, através da acção do Espírito, é a garantia de uma convergência progressiva da Igreja e do mundo, os quais, definitivamente transfigurados, se reunirão um dia na realidade definitiva do Reino de Deus. Vem a propósito lermos aqui textos do Concílio Vaticano II. Diz a *Lumen Gentium*: «Como o Reino de Cristo não é deste mundo, a Igreja, Povo de Deus, através da qual este Reino ganha corpo, não retira nada às riquezas naturais de qualquer povo, ao contrário, serve e assume todas as faculdades, as possibilidades e as formas de vida dos povos no que têm de bom;

⁸ Cfr. *ibidem*, pp. 392-397.

⁹ *Lumen Gentium*, n. 50.

assumindo-as, purificando-as, reforça-as e eleva-as. Lembra-se, com efeito, que deve desempenhar o papel de congregadora, com esse Rei a quem as nações foram dadas como herança e a cuja cidade se traduzem dons e presentes» (n. 13). E na *Gaudium et Spes* encontra-se a afirmação da convergência de certos valores humanos com o Reino de Deus. «Porque esses valores de dignidade, de comunhão fraterna e liberdade, todos esses frutos excelentes da nossa natureza e do nosso esforço, que teremos propagado sobre a terra segundo o mandamento do Senhor e no Seu Espírito, nós os reencontraremos mais tarde, mas purificados de toda a impureza, iluminados, transfigurados, quando Cristo entregar a seu Pai «um reino eterno e universal, reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz». Misteriosamente, o Reino está já presente neste mundo; ele atingirá a sua perfeição quando o Senhor vier» (n. 39).

Uma pastoral inspirada na realeza universal de Jesus Cristo tem que levar a identificar a autêntica natureza do Reino de Deus, na descoberta e na contemplação do mistério de Cristo, a não o confundir com as simples aparências humanas, a não o identificar totalmente com o rosto humano da Igreja. O Reino manifesta-se-nos através de sinais que no-lo revelam simultaneamente presente na Igreja e no mundo e realidade futura que supõe a transformação definitiva da «figura deste mundo». Saber ler na realidade presente da Igreja e do mundo os sinais da presença do Reino, é a mais clara manifestação da nossa certeza de fé, de que o Espírito de Jesus está em acção, que a obra da salvação continua, que o Reino está a crescer, e que a epifania definitiva de um mundo novo está já a germinar neste nosso mundo. Esse mundo novo ser-nos-á revelado quando se nos manifestar definitivamente a glória de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

No Reino de Deus se manifesta a realeza de Jesus Cristo

4. Dissemos atrás que não há reinado sem Reino. Podemos agora afirmar que este Reino de Deus que nós identificamos e identificaremos no mistério de Cristo, é o âmbito da sua realeza e do seu reinado. «O meu Reino não é deste mundo». A Senhoria de Jesus Cristo não se manifesta no mundo do pecado; ela é obra de redenção e estende-se às fronteiras da acção santificadora do Espírito, fronteiras desse mundo novo ainda a germinar. Destinado, por criação, a estar um dia completamente sobre o seu domínio,

há ainda uma parte do mundo rebelde, que não se sujeita a esse domínio de Jesus Cristo. A soberania de Jesus Cristo afirma-se no mundo e na história à medida que cresce o Reino de Deus. Mas o Senhor não está à espera de que o Reino, nesse seu germinar lento e trabalhoso, atinja o climax, para ser intronizado na plenitude da Sua Glória. Na sua ressurreição ele sentou-se à direita do Pai, recebeu a plenitude do poder salvífico sobre o mundo e a própria maturação lenta do Reino é já fruto harmonioso do exercício da sua realeza. Ele está, assim, destinado a reunir e recapitular todas as coisas, numa harmonia nova e definitiva, em que brilhe com todo esplendor, o poder salvífico da sua realeza e do seu domínio.

Há um texto de S. Lucas que nos situa bem a relação do Reino de Deus com a realeza de Cristo: O Senhor compara o Reino de Deus «a um príncipe que se foi embora para um país longínquo tomar posse de um reino para depois voltar» (Lc 19, 12). Esta pequena parábola mostra o pensamento da Igreja primitiva acerca da realeza de Cristo. Na sua ressurreição, Cristo é proclamado Senhor, esse príncipe real. Sentando à direita de Deus, Ele é como que intronizado nessa sua situação de Senhor. A realeza de Jesus Cristo brota da sua ressurreição e da sua glória de filho de Deus. A Glória é a do Pai, a que Ele tem direito e acesso, como Filho. E é com essa coroa de Glória que Ele há-de um dia voltar ao seu Reino. Mas só tem sentido fazê-lo quando toda a realidade estiver sujeita a esse domínio. Até lá, a situação é a seguinte: pela sua ressurreição Cristo foi intronizado no seu trono real; através do Espírito Santo Ele vai transformando o mundo e a história para poderem ser realidade digna desse seu reinado, — é o crescimento do Reino de Deus; um dia voltará para manifestar a sua Glória e o seu domínio na totalidade da criação, definitivamente transformada. Então entregará o Reino ao Pai, pois não há diferença entre Reinado de Cristo e Reino de Deus¹⁰.

A exaltação de Jesus, ponto fundamentante de toda a realeza de Cristo

5. Verifica-se uma unidade dinâmica entre os três momentos da realeza de Cristo: a sua ressurreição dos mortos, a extensão dessa

¹⁰ Cfr. L. CERFAUX, *Le Christ dans la Théologie de Saint Paul*, Paris (1954), pp. 73 e ss.

realleza, pelo crescimento do Reino de Deus na história e a sua manifestação definitiva, na parusia. Só abrangendo estes três momentos se pode falar da realleza universal de Cristo. E o ponto culminante de todo este mistério é a exaltação de Cristo, na Glória do Pai. É nessa qualidade que Ele intervem na história, através do Espírito, fazendo crescer o Reino; é nessa qualidade que Ele se manifestará, na sua última vinda.

A exaltação de Cristo, à direita de Deus, ocupou um lugar central na compreensão da Igreja primitiva. O reino messiânico de Cristo foi compreendido como exercendo-se no céu¹¹. Parece claro que, complementarmente às narrações da ressurreição, mais ligadas às confissões de fé, há «uma tradição neo-testamentária que apresenta a passagem da morte à vida como sendo a passagem da glorificação, da pregação universal da salvação, da Senhoria através das dimensões do universo. A subida, muitas vezes ligada a uma certa descida, significa a ressurreição propriamente dita de Jesus Cristo»¹².

S. Paulo, na carta aos Romanos, harmoniza estas duas tradições, tornando claro que se trata do mesmo mistério: «estabelecido Filho de Deus, com potência, segundo o Espírito de santidade, pela sua ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor, por Quem recebemos graças e apostolado» (Rom 1, 4-5).

É sobretudo na literatura hímica que esta tradição se afirma. No hino de Fil 2, 6-11, o que se afirma não é a morte, seguida de ressurreição, mas o abaixamento seguido de exaltação; a ressurreição não é negada, mas é afirmada sobre a forma de glorificação de Jesus, o seu acesso à Senhoria Universal. A sua dignidade de «Kúrios» é, aqui, a afirmação da senhoria de Cristo, com a universalidade da Senhoria do próprio Deus, que abrange o próprio cosmos. «Do início ao fim do hino, trata-se de Cristo tal como se mostrou neste mundo. O olhar da fé descobriu em profundidade a super-existência de Cristo, que adora como Senhor»¹³.

Como já nos aparecia sugerido no texto de Romanos que acabámos de referir, esta Senhoria de Cristo que se segue à Sua glorificação é eficaz em ordem ao crescimento do Reino de Deus na história, garantido, assim, a unidade da obra salvífica de Cristo, desde o início da pregação do Reino, até ao seu regresso, na Parusia,

¹¹ W. PANNEMBERG, *Esquisse d'une Christologie*, Paris (1971), p. 471.

¹² X. LÉON-DUFOUR, *Résurrection de Jésus et Message Pascal*, Paris (1971), p. 64.

¹³ *Ibidem*, p. 58; cfr. Pannenberg, *op. cit.*, p. 471.

englobando o tempo da Igreja. Neste sentido é especialmente significativo o hino da 1.^a carta a Timóteo:

«É grande o mistério da piedade:
Aquele que foi manifestado na carne
que foi justificado no espírito
que foi apresentado aos anjos
que foi anunciado às nações
que foi acreditado no mundo
que foi elevado à glória» (1 Tim. 3,16)

A Ressurreição, a Ascensão e a Apresentação de Cristo como Senhor perante a corte celeste e o prolongamento da Senhoria, no mundo, através da fé, constituem um todo. É uma espécie de esquema ritual de intronização. Aquele que tinha sido rejeitado pelos homens e que Deus justificou elevando-o à sua Glória, é apresentado como Senhor soberano à corte celeste, e só então essa Senhoria é proclamada a toda a terra, que acolhe a mensagem pela fé. Tudo isto constitui a glória e o triunfo de Cristo. Como diz o P. Lèon-Dufour «para além de uma aparência de sucessão temporal, a lógica que preside a este hino é a de uma totalidade continuamente retomada. Tudo está já incluído no primeiro díptico. A terra une-se ao céu; no segundo díptico, novamente, o céu e a terra recebem a mesma boa-nova; e de novo, no terceiro, o mundo crente é, em Jesus Cristo, elevado ao Céu. Tudo aí está presente ao mesmo tempo, o céu e a terra reconciliam-se»¹⁴. É que os novos céus e a nova terra serão as fronteiras definitivas do reinado de Cristo.

Em Efésios, 4, 7-10, a glorificação de Cristo é o princípio de todos os dons da salvação, pois na sua exaltação Cristo comunicará a sua plenitude de vida. «Aquele que desceu, é o mesmo que também subiu acima de todos os céus, a fim de encher todas as coisas».

A comunidade primitiva compreendeu, assim, o mistério de Cristo e a experiência da salvação. O Reino de Deus, que começa verdadeiramente a estar presente no mundo, na pessoa de Jesus, atingiu a plenitude na glorificação do mesmo Cristo; e isso é a garantia de que o Reino possa continuar a crescer na história: a plenitude de Cristo vai transformar o mundo em Reino de Deus. «Da sua plenitude todos nós recebemos». O Concílio Vaticano II resume assim, para o nosso tempo, este mistério: «Cristo instaurou o Reino de Deus na

¹⁴ *Ibidem*, p. 60.

terra; por gestos e palavras Ele revelou o Pai e revelou-se a Si mesmo; pela sua morte, ressurreição, ascensão gloriosa e pelo envio do Espírito Santo, terminou completamente a sua obra»¹⁵.

Esta dimensão do mistério revela-nos um aspecto crucial da pastoral contemporânea: anunciar Jesus Cristo de tal maneira que a fé não seja apenas aceitação da sua doutrina, mas reconhecimento dele como o vivo, aquele que, glorioso junto de Deus, continua a deter nas suas mãos as chaves da morte e do abismo. Não basta fazer com que o mundo reconheça no cristianismo a mais sublime das doutrinas; é preciso fazê-lo descobrir que Cristo é hoje alguém que encerra no mistério da sua vida em Deus, o segredo do homem, que Ele é a fonte da vida. E reconhecer isso é começar a descobrir e afirmar a sua qualidade de Senhor. A verdadeira Senhoria de Jesus Cristo descobre-se no amor, na intimidade dos corações; só então ela se torna palavra e testemunho, interpela e choca a sociedade, porque os cristãos não poderão deixar de fazer de cada decisão, de cada empenhamento ou compromisso, pessoal, familiar ou social, uma proclamação de que Cristo é seu Senhor. Porque na linha do Reino de Deus só é verdadeiramente nosso Senhor quem nos conquistou o coração.

O reinado de Cristo na história

6. Partindo da fé da Igreja na Glória de Cristo ressuscitado, sentado à direita do Pai, é especialmente significativo, em termos pastorais, este tempo intermédio que medeia entre a ressurreição de Cristo e a Parusia. É o tempo de germinar da semente e da maturação da sementeira até à colheita. O início do reino, semelhante a um grão de mostarda, é humilde e obscuro comparado com o esplendor da sua manifestação final. Como tempo intermédio, ele é transitório. O Rei está presente, mas invisível. A manifestação completa da sua glória e do seu poder reserva-a Ele para o grande dia em que, recapitulando todas as coisas em Si, entregará o Reino ao Pai.

Entre a realidade vivida neste mundo, na fé, e a manifestação definitiva de Jesus Cristo, há uma relação como de imagem para a

¹⁵ *Dei Verbum*, n. 17.

realidade, do misterioso para o luminosamente claro, embora a vivência da fé e a plenitude escatológica sejam da mesma ordem de realidades. O Senhor não mudará, pois sentou-se definitivamente no seu trono de Glória. Mudará o mundo onde, transformando-se em Reino de Deus, se alarga e aprofunda o domínio efectivo de Cristo sobre o mundo¹⁶. A primeira afirmação clara da realeza de Cristo no tempo é a sua Senhoria sobre a Igreja.

7. O Concílio Vaticano II diz que «a Igreja, que é o reinado de Deus já misteriosamente presente, opera no mundo, pela força de Deus, o seu crescimento visível»¹⁷. E noutra passagem acrescenta: «Cristo elevado da terra, atraiu a si todos os homens, ressuscitado dos mortos, enviou sobre os seus apóstolos o seu Espírito de vida e por Ele, constituiu o seu Corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação; sentado à direita do Pai, exerce continuamente a sua acção no mundo para conduzir os homens para a Igreja e através dela, uni-los a Si mais estreitamente e fazê-los participar na sua vida gloriosa, dando-lhes por alimento o seu próprio Corpo e Sangue»¹⁸.

A Igreja aparece-nos como o lugar onde se realiza o reinado de Cristo. O. Cullman diz que «a Igreja é o centro terrestre a partir do qual se torna visível toda a soberania de Jesus Cristo»¹⁹. Na medida em que é na Igreja que se identifica mais claramente o crescimento do Reino de Deus é também nela que se descobre o que é que na realidade humana está já sujeito à Senhoria de Jesus Cristo. A propósito do estado religioso, diz o Concílio: «ele mostra, de um modo particular, como o reino de Deus está acima de todas as coisas particulares e das maiores necessidades; mostra a todos os homens a proeminente grandeza da potência de Cristo-Rei e a potência infinita do Espírito Santo que age na Igreja de modo admirável»²⁰.

Muitas são as expressões que o Novo Testamento utiliza para significar esta intimidade de união entre Cristo e a Igreja. Ela é o seu Corpo. Cristo é a cabeça da Igreja, Ele é a sua plenitude, ama-a como uma esposa, é a pedra angular sobre a qual ela se edifica. Paulo, na carta aos Efésios como que as resume a todas, em síntese sublime, relacionando a Senhoria de Cristo com o mistério da salvação

¹⁶ Cfr. L. CERFAUX, *op. cit.*, pp. 73-74.

¹⁷ Lumen Gentium, n. 3.

¹⁸ *Ibidem*, n. 48.

¹⁹ O. CULLMAN, *Christ et le temps*, Paris (1966), p. 109.

²⁰ L. G. n. 44.

realizado na Igreja. «Por isso, também eu, tendo ouvido falar da vossa fé no Senhor Jesus e da vossa caridade para com todos os santos, não cesso de dar graças por vós, ao fazer a menção de vós nas minhas orações; que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da Glória, vos conceda um espírito de sabedoria e de revelação, para bem o conhecerdes; que sejam iluminados os olhos do vosso coração, a fim de saberdes que esperança constitui o seu chamamento, que tesouros de glória encerra a sua herança entre os santos e que enorme grandeza representa o seu poder para nós, os crentes. Assim o mostra a eficácia da potente força que exerceu em Cristo, ao ressuscitá-Lo dos mortos e ao sentá-lo à Sua direita, e de todo o nome que se evoca, não só nesse mundo, mas também no que há-de vir. Tudo submeteu debaixo dos pés d'Ele e deu-O, como cabeça que sobreleva tudo, à Igreja, que é o seu Corpo, a plenitude d'Aquele que o próprio Deus enche totalmente» (Efes 1, 15-23).

A Senhoria de Jesus Cristo é, aqui, relacionada com a ressurreição, que por sua vez é manifestação da Senhoria de Deus Pai. O poder de Jesus Cristo tem a universalidade do poder de Deus, nada lhe escapa, forças do bem ou forças do mal, realidades cósmicas ou espirituais, presentes ou futuras. Mas o poder próprio de Jesus Cristo é, sobretudo, um poder salvífico. É na realidade nova da redenção que o Senhor gosta de exercer a sua realzeza, comunicando à Sua Igreja a própria plenitude de vida que recebeu do Pai. E mesmo o seu domínio sobre o mundo tende a ser exercido através da influência salvífica da Igreja, na medida em que esta comunica ao mundo a própria plenitude de Cristo. S. Paulo retoma aqui o esquema Joânico: o Pai está e age no Filho; o Filho está e age na Igreja; a Igreja está e age no mundo²¹. Sem nada perder do seu domínio de criador sobre toda a criatura, a maneira específica de Cristo exercer a Senhoria é a transformação da humanidade em Igreja e da Igreja em comunhão dos santos. A sua realzeza exerce-a Cristo em ordem à comunicação da plenitude da vida. Deus Pai é a fonte dessa plenitude. Mas toda a força de santificação da divindade como que se concentra no Senhor ressuscitado, que a comunica à Igreja e a cada cristão que, por sua vez, a devem comunicar ao mundo²².

Esta plenitude de Jesus Cristo é o verdadeiro fundamento da Igreja. Outros textos do N. Testamento chamam a Cristo a pedra

²¹ TOB, nota V) a Efes. 1,23.

²² Cfr. L. CERFAUX, *op. cit.*, pp. 320-321.

angular sobre a qual esse edifício novo assenta (Mt 21, 42; Apoc 21, 14), imagem que o Concílio usa frequentemente para definir a Igreja; «o próprio Senhor se comparou à pedra rejeitada pelos construtores e que se transformou em pedra angular. Sobre esse fundamento a Igreja é construída pelos apóstolos e deste fundamento ela recebe firmeza e coesão»²³.

Antes de ser Igreja para o mundo, a Igreja deve ser de Jesus Cristo, pois toda a capacidade de intervir no mundo ela a recebe da plenitude do ressuscitado. Ser no meio do mundo, plenitude de Jesus Cristo, espaço de afirmação da sua Senhoria, eis o grande desafio lançado à Igreja. Cristo reinará no mundo se reinar na Igreja.

8. Segundo a doutrina do N. Testamento, a realza de Cristo é absolutamente universal; nada lhe escapa. Essa universalidade de poder compete-lhe, desde já, como criador. Mas porque a natureza específica da Senhoria de Cristo é da ordem da salvação, ela só se manifestará plenamente no fim dos tempos. Não há reinado sem Reino e só na parusia toda a realidade será reunida no Reino de Deus. No mesmo capítulo I da carta aos Efésios lê-se: «N'Ele temos nós a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, consoante a riqueza da sua graça, que abundantemente nos concedeu, com plena sabedoria e discernimento, dando-nos a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o beneplácito que, n'Ele, de antemão estabelecera, para ser realizado ao completarem-se os tempos: reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra» (Efes 1, 7-10). Só na plenitude dos tempos Cristo será verdadeiramente «cabeça» do universo renovado; hoje Ele é já, nesse sentido, cabeça da Igreja (Efes 1, 22). A plenitude de Cristo, a exercer-se na Igreja, sacramento da salvação, transborda da Igreja para o universo. «Aquele que desceu, é também aquele que subiu mais alto que todos os céus, afim de encher o universo» (Efes 4, 10).

Este é o sentido profundo da presença e da acção da Igreja no mundo: ser de tal maneira plenitude de Cristo que, transformando o mundo em Reino de Deus, essa mesma plenitude de Cristo possa, um dia, exprimir-se na humanidade e no cosmos. Foi esse o ideário

²³ L. G. n. 6 cfr. n. 19; *Unitatis redintegratio*, nn. 2, 18.

pastoral da Constituição «*Gaudium et Spes*»: «A Igreja crê que Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece ao homem, pelo seu Espírito, luz e forças para lhe permitir responder à sua vocação. Ela acredita que não há debaixo do céu outro nome dado aos homens pelo qual eles devam ser salvos. Ela acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontra no seu Senhor e Mestre. Afirma, em suma, que, no meio de todas as mudanças, muitas coisas permanecem que têm o seu fundamento último em Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre. É por isso que, à luz de Cristo, Imagem do Deus invisível, Primogénito de toda a criatura, o Concílio se propõe dirigir-se a todos, para esclarecer o mistério do homem e para ajudar o género humano a descobrir a solução dos problemas maiores do nosso tempo» (G.S. n. 10).

9. Este projecto ambicioso só pode ser o do próprio Espírito de Cristo. Todo o ser da Igreja, como plenitude de Cristo, está orientado para a sua presença no mundo em ordem a esta recapitulação de todas as coisas em Cristo.

Queria fazer sobressair aqui, como aspecto altamente significativo desta presença da Igreja no mundo, o ministério da unidade, da reconciliação e da paz. Diz S. Paulo, na carta aos Colossenses que «agradou a Deus fazer habitar em Cristo toda a plenitude e de reconciliar todas as coisas, por Ele e para Ele, sobre a terra e nos céus, tendo estabelecido a paz pelo sangue da sua cruz» (Col 1, 19-21).

O mundo criado por Deus, vem da unidade e caminha para a unidade, Cristo e a Igreja são os instrumentos dessa unidade. «A obra de Cristo consistirá em refazer a unidade primitiva, em recomençar o que tinha existido no início. Essa unidade será *ecuménica* — judeus e pagãos estarão de novo reunidos — *cósmica* — as potências serão privadas do poder sobre o cosmos e sobre os homens — *escatológica* — o seu renascimento assinalará o nascimento de um mundo novo»²⁴.

É este mundo novo que está em gestação, por obra do Espírito, através da Igreja. Só a fé e a esperança nos podem levar a acreditar que, debaixo das realidades, consoladoras umas, dramáticas tantas, deste nosso mundo contemporâneo, está a germinar esse universo reunido em Cristo e por Cristo. Mas essa fé e essa esperança são o testemunho e o sentido da presença da Igreja no mundo. Leiamos ainda a *Gaudium et Spes*: «Certamente que nós sabemos bem que de nada serve ao homem ganhar o universo se se vier a perder a si

mesmo, mas a expectativa da nova terra, longe de enfraquecer em nós a preocupação por cultivar esta terra, deve antes despertá-la: o corpo da nova família humana está já aí a crescer, oferecendo já o esboço do século futuro» (G.S. n. 39).

Eis a razão de ser da nossa esperança e o sentido da presença da Igreja no mundo: contribuir para que o progresso da humanidade se faça de tal modo a ser o despontar promissor de um universo novo. Este é o desafio pastoral que a imagem de Cristo-Rei, erguida sobre a nossa cidade, nos lança a todos nós. Sacramento de Cristo para a salvação do mundo, a Igreja tem de ser o instrumento dessa recapitulação de todas as coisas em Cristo, aceitando corajosamente o silêncio humilde deste processo. O tempo de uma certa identificação exterior do progresso da civilização com o Reino escatológico passou. Só a força da fé a fará acreditar que neste mundo exteriormente tão longe do Reino de Deus, se está a estender o Reino de Cristo. Consola-a a palavra do próprio Senhor: «Eis que eu virei brevemente e a minha retribuição está comigo. Eu sou o alfa e o oméga, o primeiro e o último, o começo e o fim» (Apoc 22, 12-13).

JOSÉ DA CRUZ POLICARPO